



Jogos de Azar no Centro de Pelotas¹

Osiris REIS²

Margareth MICHEL³

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

A reportagem foi desenvolvida em estágio no jornal Diário Popular em janeiro de 2009. Durante sua construção, o repórter visitou bingos e máquinas de Caça Níquel com o objetivo de ilustrar a grande frequência dos jogos ilícitos no município de Pelotas e as dificuldades que a polícia ainda encontra na tentativa de coibir essas contravenções da lei. Além de ilustrar a reportagem com detalhes sobre como funcionam os jogos de azar no município, também foram ouvidas pessoas que trabalhavam no ramo. Através do meio de comunicação, eles tiveram a oportunidade de expressar sua opinião sobre o tema polêmico que ainda divide opiniões.

PALAVRAS-CHAVE: Bingos; caça-níqueis; polícia; jogos.

1. INTRODUÇÃO

Uma cartela com nove colunas e três linhas, com quatro espaços livres por linha foi uma das primeiras manifestações de um dos mais populares jogos de sorte do Ocidente: o Bingo. Criado por volta de 1530 na Itália, a modalidade foi adquirindo popularidade no decorrer dos anos e inclusive tornou-se marca registrada de algumas culturas. Uma jogatina estadual chamada *Lo Gioco Del lotto d'Italia* disseminou a jogatina por todo o país, que não tardou a avançar em direção à França, no final da década de 1700, e para os outros países arredores. Em suas versões mais primitivas, pedaços de madeira com os números de 1 a 90 eram usados pelos cantadores para sortear os números. Em outras versões, o jogo chamava-se *Beanos* (palavra originária de bean, em inglês, feijão), no qual os jogadores utilizavam

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornalismo Informativo.

² Aluno autor do trabalho e estudante do 8º. Semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: osirisreis@hotmail.com.

³ Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), email: margaret.michel@gmail.com



grãos de feijão ou milho para marcarem os números conforme iam sendo sorteados.

Mesmo popular em países do mundo todo, o bingo divide opiniões. De um lado os empresários que afirmam que pagam seus impostos como qualquer outro estabelecimento comercial e dessa forma, também contribuem com a nação; de outro, Ministério Público, políticos e governantes, preocupados com a saúde da convivência entre as pessoas e empenhados em evitar crimes, como a lavagem de dinheiro.

Desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou em 2004 a medida provisória que determina o fechamento de estabelecimentos de bingos e proíbe o uso de máquinas de caça-níqueis em todo o território nacional, os debates sobre o assunto acirraram-se. Na Câmara dos Deputados e no Senado, há correntes que defendem os dois posicionamentos sobre o assunto e dividem opiniões nessa questão intrínseca à cultura do brasileiro.

Inerente às decisões dos governantes, a prática ainda afronta a polícia e coloca em questão o espaço que existe entre uma determinação governamental e a efetiva fiscalização da nova lei ou, no caso, medida provisória. A polícia brasileira ainda luta diariamente contra casas de jogos escondidas atrás de prédios aparentemente normais e de sistemas de proteção dos empresários extremamente bem organizados. Atrás de pequenas lojas no centro de Pelotas, por exemplo, existem diversas máquinas de caça-níquel à disposição dos clientes. Para jogar, basta sentar e pagar.

2. OBJETIVOS:

Gerais:

- Através de entrevistas com envolvidos na realidade e coleta de informações baseada em visitas a bingos e casas de caça-níquel, dar condições e dados estatísticos para o leitor situar-se no cenário vivido atualmente por Pelotas.

Específicos:

- Denunciar a atividade exercida no centro de Pelotas;
- Levantar dados que revelem o trabalho da Polícia na luta contra a atividade;
- Questionar até que ponto a lei promulgada pelo presidente é colocada em prática;
- Demonstrar como a atividade está enraizada em Pelotas, através do relato da visita em casas de caça-níqueis instaladas dentro do Mercado Central, importante ponto turístico da região.



3. JUSTIFICATIVA

A idéia da pauta nasceu da necessidade de mostrar à população o cenário vivido pela cidade, principalmente no Centro, importante região no contexto econômico e cultural da cidade. Para definir notícia e o que pode tornar-se importante na realidade do jornal Diário Popular e de seus leitores, pode-se citar o professor Nelson Trakina (2005, p.19), que define jornalismo como a vida em todas as suas dimensões, uma espécie de enciclopédia. Basta uma rápida passada pelos principais jornais para que o leitor tenha acesso a inúmeros tipos de notícia, divididas em seções.

Elas variam entre sociedade, economia, ciência, ambiente, educação, cultura, arte e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional e internacional. “Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isso inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*”(TRAKINA. 2005, p. 19).

Características como proximidade do leitor e orientação cronológica foram apenas alguns pontos levados em consideração na hora de escolher o tema para ser notícia e também no momento de dividir as informações no corpo do texto. É nesse momento que se remete ao lide, como a parte da matéria responsável por apresentar o assunto ao leitor e fazer com que sua atenção seja despertada ao ponto que continue a leitura até o último parágrafo.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Como método, a objetividade foi um dos principais valores a serem utilizados. Além de fiscalizar, inclusive jogar, nos bingos e máquinas de caça-níquel, o repórter foi além e buscou dados de apreensões e processos com a polícia e procurou a opinião dos empresários, principais envolvidos com a história. Mesmo a matéria tratando de uma contravenção da lei, a reportagem não deixou de mostrar ao leitor o outro lado, ou seja, a opinião daqueles que trabalham, ou trabalharam, com o jogo.

Mesmo ouvindo todos os lados da história, o repórter ainda pergunta-se sobre as maneiras para ser objetivo em um mundo carregado de subjetividades. Felipe Pena,



professor da Universidade Federal Fluminense, afirma que é um erro opor objetividade à subjetividade:

Mas o que se observa no jornalismo atual é uma simbiose, não uma separação. A notícia nunca esteve tão carregada de opiniões. E um dos motivos é justamente atender ao critério de objetividade que obriga o jornalista a ouvir sempre os dois lados da história. Os jornais valorizam mais as declarações do que os próprios fatos. Ou seja, preocupam-se mais com os comentários sobre os acontecimentos do que com os acontecimentos em si. (PENA, 2005 p. 51)

Os principais métodos utilizados foram originários de uma visita a um bingo na rua General Osório nº 506, no Centro de Pelotas. A coleta de informações partiu da ambientalização da casa de jogos. Foram anotados quantidade de jogadores, a maneira como as apostas eram feitas e como os prêmios eram entregues. Através de uma conversa com uma senhora jogadora do local, foram extraídos detalhes sobre o cotidiano do bingo. A reportagem também jogou, para comprovar a maneira como as apostas e o sorteio dos números eram feitos.

No mesmo dia, mais alguns reais gastos em uma lancheria localizada em um dos pontos turísticos de maior apreço no município, o Mercado Central. Atrás da porta de um simples bar, diversas máquinas de caça-níquel à disposição dos clientes. Fotos também foram efetuadas para relatar a realidade que afronta a polícia. Entrevistas com jogadores, Brigada Militar e empresários do ramo dos jogos de azar complementaram o cenário.

Todos os métodos destacados foram trabalhados dentro do modelo de jornalismo informativo, que foca seu trabalho na apuração dos dados, sem a expressão de opinião, nem sequer interpretações aprofundadas sobre o assunto. O diferencial do gênero é a notícia limpa, com os fatos divididos sobre ordem de importância e proximidade do leitor.

No decorrer da evolução do jornalismo, os gêneros opinativos e informativos sempre desempenharam o papel mais importante na construção da notícia. Mas até que ponto o jornalismo informativo limita-se a narrar os fatos e o opinativo, a tirar conclusões do acontecido? Apesar de serem distintos, os dois gêneros mesclam-se e dão origem a outros, como o interpretativo e o diversional. Mesmo com todas as diferenças impostas, o professor José Marques de Melo afirma que:

Narrar os fatos e expressar as idéias segundo os padrões historicamente definidos como jornalismo informativo e jornalismo opinativo não altera fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade que tem acesso ao universo temático e contedúístico manufaturado continuamente (MELO, 1997, p. 24).



Entende-se por informativo o comportamento do meio de comunicação direcionado à observação atenta da realidade e o registro e relato dos acontecimentos à sociedade. O jornalista deixa de ser somente um repórter e assume a função de vigia dentro dos fatos que envolvem o interesse público. Nesse gênero, o profissional não opina, nem interpreta, mas sim relata os fatos com clareza e coerência. “A diferenciação entre as categorias jornalismo informativo e jornalismo opinativo emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (news, stories) das suas versões (comments), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas” (MELO, 1997 p. 38).

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Parte da reportagem *Jogos de Azar no Centro de Pelotas* foi veiculada no jornal Diário Popular, em janeiro de 2009. Inicialmente diagramada para ilustrar duas páginas do periódico, a reportagem também utilizou-se de fotos das casas de caça-níqueis e dos bingos, em plena atividade durante uma tarde no meio da semana. Foram vários dias de trabalho, já que a apuração de dados exigia entrevistas com diversas pessoas, e o relacionamento de fatos, tarefa exercida pelo repórter. Faz parte do perfil do jornal publicar reportagens de denúncia e fazer com que o trabalho dos repórteres auxilie no desenvolvimento da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES

Através da veiculação da matéria, foi possível mostrar ao leitor que apesar de proibidos, os jogos de azar existem em grande número no centro de Pelotas. Através das diversas entrevistas efetuadas que originaram o trabalho, foram fornecidas as ferramentas para que o leitor, além de saber o que acontece em sua cidade ou região, formule opiniões sobre o assunto e possa ajudar o país a combater os jogos que atualmente são proibidos.

O leitor que acompanhou a matéria teve acesso a dados que lhe forneceram a reflexão sobre a real necessidade da imposição da medida presidencial que proíbe a atividade. Mesmo em vigor, os jogos estão em atividade somente porque há quem os procure e continue financiando a atividade.

O trabalho da Brigada Militar (BM) na tentativa de coibir a prática também foi ressaltado. Apesar da intenção do delegado Adilson Mazin em encaminhar ao Ministério Público denúncias sobre a prática dos jogos caça-níqueis, a prioridade da delegacia no momento eram os casos de homicídio. A declaração do profissional revela o quadro deficiente em que se encontra a polícia no Estado. Por falta de policiais, somente os casos mais graves seriam investigados.

7. ANEXO

Jogos de Azar no Centro de Pelotas

São 14h30min de quinta-feira e a reportagem do **Diário Popular** disputa, pelo segundo dia consecutivo, uma rodada de bingo em pleno centro da cidade. O local do jogo – considerado ilegal no Brasil - funciona na rua General Osório, 506, atrás da fachada de um antigo lojão. Qualquer pessoa tem acesso e para participar basta ter dinheiro e sorte. Muita sorte.

A poucos metros dali, minutos depois, a reportagem gasta mais alguns reais em máquinas caça-níqueis instaladas em um restaurante do Mercado Central. Na 1ª Galeria, pelo acesso de uma casa de jogos, equipamentos semelhantes também operam. Os clientes conhecem os locais e o movimento não pode ser considerado fraco. São cenas que se repetem diariamente e desafiam a polícia de Pelotas, que apenas este ano já apreendeu mais de 300 equipamentos, numa “guerra” que parece não ter fim e comprova o quanto está organizado o esquema dos jogos de azar na cidade.

Fácil e com funcionários

Para participar do bingo da rua General Osório basta entrar e apostar. Não há restrições. Após comprarem as cartelas que valem cada uma R\$ 2,00, as dezenas de jogadores acomodam-se em aproximadamente 30 mesas e lançam a sorte. O primeiro a marcar uma linha recebe R\$ 10,00. Os prêmios de R\$ 50,00 são oferecidos àqueles que preencherem toda a cartela. A presença de mulheres na faixa da terceira idade que participaram das apostas surpreendia ontem à tarde.

As rodadas são rápidas e duram em torno de dez minutos. Mais rápidas ainda são as funcionárias, que se deslocam entre as mesas para vender as cartelas e recolher o dinheiro dos jogadores.

Ainda há a opção de jogar nos computadores. As dezenas de máquinas espalham-se por



toda a área do local. Os que optam por elas sequer precisam marcar na cartela os números sorteados. As rodadas valem R\$ 4,00 e os terminais fazem o serviço automaticamente. “É preciso tomar cuidado para não se viciar”, alerta uma idosa que admite visitar o lugar freqüentemente. A mulher já se considera jogadora compulsiva. “É difícil parar”, diz.

Mercado Público

Em meio à correria do dia-dia pelotense, lá estão elas disfarçadas. Atrás das portas de um restaurante situado no Mercado Público, por exemplo, cuja entrada é feita pela rua Tiradentes. São cinco terminais de caça-níquel em pleno funcionamento, que chamam a atenção de jogadores e curiosos. Para apostar é preciso inserir cédulas na máquina e escolher com quantas linhas jogar. As chances de ganhar aumentam conforme o número de linhas, no entanto a aposta é mais cara.

De acordo com o proprietário, para ganhar basta ter sorte. “Prêmios de até R\$ 600,00 saem seguidamente, garante. No entanto, os terminais já chegaram a pagar prêmios máximos de R\$ 1.300”, afirma. Ele possui um caderno no qual relaciona todas as entradas e saídas de dinheiro. Todos os sábados as máquinas emitem um boletim semanal, conferido com suas anotações pessoais.

Praça Piratinino de Almeida

Próximo à 1ª Galeria, na praça Piratinino de Almeida, pela entrada da rua Marechal Deodoro, funciona outro ponto. Uma casa de apostas antecede uma sala sem iluminação, onde as pessoas têm disponíveis mais três terminais de caça-níquel.

Desde 2004

Uma medida provisória editada pelo Governo Federal em janeiro de 2004 determinou o fechamento dos bingos em todo o Brasil. Em Pelotas os estabelecimentos tiveram de fechar suas portas e demitir os funcionários, que chegaram a realizar passeata contra a decisão. Desde então a Polícia trabalha para coibir os jogos clandestinos, enquanto os empresários de todo o Brasil pressionam para que a atividade volte a ser considerada legal.

Cartório especializado investiga casos

O alto número de denúncias contra os jogos de azar em Pelotas fez com que a 2ª Delegacia de Polícia (DP) criasse o 6º Cartório, especializado em agilizar processos referentes à apreensão de caça-níqueis. Após o flagrante a DP emite um Termo Circunstanciado (TC),



que é enviado ao Foro, local onde inicia-se o processo penal.

De acordo com o titular da 2ª DP, delegado Adílson Mazin, as investigações atualmente priorizam os casos de homicídio. “Por falta de policiais em todas as áreas devemos estabelecer prioridades”, afirma. Ele informa que a partir da semana que vem dará continuidade ao trabalho de apreensão de máquinas caça-níqueis. “Enviaremos ao Foro 12 denúncias nos próximos sete dias”, informa. Sua intenção é prosseguir com o andamento de todos os processos até o final deste ano.

Mazin disse ontem pela manhã ao Jornal que desconhecia o funcionamento de qualquer bingo na área de cobertura da Delegacia, mas reconheceu que em alguns estabelecimentos operavam ainda “três ou quatro” terminais de caça-níqueis.

A 2ª DP é a maior de Pelotas e cobre vários bairros da cidade. Oferece suporte à aproximadamente 205 mil pessoas e também atende aos municípios de Turuçu e Arroio do Padre.

De acordo com o Artigo 50 da Lei das Contravenções Penais, é proibido estabelecer ou explorar jogo de azar em lugar público ou acessível a ele, mediante o pagamento de entrada ou não. A pena pode variar de três meses a um ano. As denúncias podem ser feitas pelos seguintes telefones: 3227-0800 ou 3222-3460.

O outro lado da questão

A dúvida ainda permanece para alguns. Por que não legalizar os chamados jogos de azar? A resposta é difícil e por trás existem interesses de diversos lados. Quem levanta a questão é um empresário de 42 anos, que trabalhava com bingos quando ainda eram legalizados.

“Eu não entendo porque ainda não liberaram os jogos de uma vez por todas. No Uruguai joga-se abertamente e o fato estimula as pessoas a trabalharem e pagarem seus impostos corretamente”, afirma.

De acordo com ele, que prefere não se identificar, os bingos que funcionam legalmente geram emprego e impostos, além de evitar que a polícia gaste o dinheiro público em vão com perseguições. “Todos os órgãos públicos mobilizam-se e gastam tempo e investimento com algo que poderia ser facilmente evitado”.

Ele lembra que quando os bingos funcionavam legalmente em Pelotas proporcionavam emprego a aproximadamente 500 pessoas. “Hoje em dia elas estão desempregadas”, lamenta. Para o empresário, não vale a pena investir em um empreendimento que não se sabe quanto tempo vai durar. “Temos que nos mudar toda hora.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1994.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo – volume 1. Florianópolis: Insular, 2005 – 2ª edição.